

Almeida, Maria Antónia Pires de, Conceição Andrade Martins (2002), “Cavador”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 153-155. ISBN: 972-774-133-9.

## **Cavador.**

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Cavador, Cavador de enxada, Cavão, Coveiro, Escavador, Homem de Cava, Homem de cavadura, Homem de enxada, Trabalhador de enxada.

O *Cavador* é um jornaleiro. Na grande lavoura faz parte do grupo dos Trabalhadores eventuais, que fazem trabalhos com enxada em certas épocas, assim como qualquer outro trabalho que seja necessário. Na literatura portuguesa abundam referências a este trabalhador: “Eu era ceifeiro, quando era na ceifa, cavador quando era preciso. Ganhava a vida”, dizia um soldado no conto “Noite de Natal” de Manuel da Fonseca (*O Fogo e as Cinzas*, 1951). E em *Cerromaior* (1943): “E pensou também nos cavadores da Casa Vã, duros e sombrios, assim encostados à enxada ao terminar a faina”. Também Afonso Lopes Vieira, no seu poema *O Cão (Animais nossos amigos)*, insiste no tema da dificuldade do seu trabalho: “O cavador passou a trabalhar o dia inteiro a cavar a terra do seu patrão; e cava, cava, cava a terra alheia, que era brava e pedregosa, e ele a semeia e ele a põe florida para o dono, que enfim depois a goza ao cabo daquela lida...”

A cava da terra, que é um dos trabalhos agrícolas mais duros, pelo esforço físico que exige, tanto é efectuada por homens como por mulheres. As referências a esta actividade são, contudo, mais frequentes no Norte do país, pelo facto da estrutura fundiária e da dimensão média das explorações não facilitar nem tornar economicamente rentável o uso de arados ou de carros de tracção animal. Mas a baixa ocorrência desta profissão nas fontes estudadas para o sul de Portugal explica-se também pelo facto desta categoria não constituir uma especialidade, mas estar integrada nas actividades do trabalhador indiferenciado, que, quando necessário, cavava as vinhas (Rio Frio) ou as lamas (Palma, 1872), ou abria covas para plantar novas árvores. Não obstante, encontram-se referências a coveiros em Avis (Hospital da Misericórdia, 1930) e em Palma (1881).

As mais antigas referências a esta categoria reportam-se à região Norte: em 1352 “O cavão Domingos Fernandes tem um olival emprazado do cabido em Santa Eufémia” (Coelho, 1983). Em 1412 a mesma fonte refere o termo *Cavador*, ou *Cavones* que, segundo aquela autora, se distinguiam de “laboratores” por sobre eles recaírem “desde logo, foros mais leves. Identificavam-se estes últimos, por certo com os cabaneiros (...) que lavrariam certas parcelas de herdades, mas sem deter casal”. A sua identificação com os *cabaneiros* coloca-os na posição hierárquica mais baixa dos trabalhadores do norte (ver **Jornaleiro\***), por não possuírem em simultâneo a sua própria exploração agrícola. Os Forais Manuelinos também referem o *Cavam*, em Alvito, Redondo, Penacova, Aldeia Galega, Coimbra, Montemor-o-Velho, Sandemil e Alva, entre 1513 e 1516. Da lista dos serviçais das vinhas que D. Pedro I mandou que fossem arrolados em cada freguesia e tivessem as suas jornas taxadas constavam os *cavões* (Viana, 1998). Em 1433 em Santo Tirso encontrou-se a variante de *Homem de enxada* (Melo, 1995), com a grafia: *homees de enxada*. Esta categoria também existe no Regimento de Ofícios de Aveiro em 1724 (Barreira, 1995). Leite de Vasconcelos (1933) refere o *Cavador de enxada* e em Aveiro, Estarreja e Águeda encontra-se o *Trabalhador de enxada* (AHMOP, 1859). Também são referidos em Trás-os-Montes, em 1796 (Mendes, 1981).

A importância de que se revestiam os trabalhos de cava na cultura da vinha fazia com que, frequentemente, a dimensão dos prédios fosse determinado em função do número de homens de cava ou de cavadura que comportava (Viana, 1998). Teixeira Girão (1822) considerava que o número de homens de cava necessários para cavar a quantidade de cepas capazes de produzir uma pipa de vinho variaria entre 1 e 2 em vinhas boas plantadas em terrenos férteis; 4 em vinhas plantadas em socalcos; e até 15 em vinhas velhas. Armando de Castro (1965), por seu lado, extrapolou a dimensão das vinhas a partir do número de *homens de cava* ou de *cavadura* necessários para a revolver, fazendo corresponder a cada homem de cava 300m<sup>2</sup>, medida esta que foi corroborada por outros autores (Coelho, 1989; Viana, 1998).

Villa Maior (1876) chama *escavadores* aos homens que procedem à escava da vinha, operação que pouco precede ou acompanha a poda, seguindo-se normalmente “os podadores aos *escavadores* que trabalhavam simultaneamente na mesma parte da vinha” e que os viticultores durienses consideravam utilíssima, não só porque descobria o colo

da cepa e o nascimento dos rebentos inferiores (“poldrões”) que se deviam cortar, mas também porque deixava a terra em torno da planta “bem disposta” para receber a “acção fertilizante das águas invernais”; e *cavadores* aos que cavam as vinhas depois da poda com as suas próprias ferramentas (enxadas). Para que esta operação seja bem feita Villa Maior considerava que o rancho dos cavadores devia ser colocado perpendicularmente à linha da plantação, “ficando cada um dos homens a distância tal dos seus vizinhos que se não possam embaraçar uns aos outros, mas também que não deixem entre si espaço que não possa ser abrangido pelas enxadas”.

Como curiosidade refere-se que no Brasil o trabalhador rural indiferenciado pode adoptar a designação de *enxadeiro*.